

## Lost in translation

*“Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.”*

*« [...] mas o rosto ainda nu não tinha a máscara de moça que cobriria minha tão exposta vida infantil [...]. ».* Clarice Lispector<sup>1</sup>

Era preciso audácia para abordar um tema tão solapado. Quem na verdade não teme, ao simples enunciado do projeto – fotografar os travestis do carnaval de Salvador –, a complacência com o estereótipo, o voyeurismo ou a provocação? Porém, basta olhar para as imagens de Lucia Guanaes para que as resistências caiam por terra: estamos a anos-luz de tudo isso. Cada um dos seus retratos constitui um encontro excepcional, raro, com o humano.

Pois se trata mesmo, antes de mais nada, de uma série de retratos face a face, com tudo o que isso supõe e afasta. O enquadramento elimina o acessório, aquilo que distrai, para se concentrar em um olhar, a boca, o rosto apanhado da maneira mais fechada possível. Eliminados a rua, a multidão, os ruídos. Não se ouve mais a excitação em redor. O sujeito esquece o turbilhão dos corpos, dos companheiros, suspende o frenesi do desfile. Agora um semblante nos olha, atira um sorriso, insinua uma sedução: a cabeça se inclina um pouco, joga um olhar, os lábios se oferecem, simulacro de beijo... Um tempo de exposição superior à duração do flash recupera, aqui e

*Il fallait de l'audace pour aborder un sujet aussi miné. Qui ne redoute en effet, au seul énoncé du projet : photographier les « travestis » du Carnaval de Salvador, la complaisance avec le stéréotype, le voyeurisme ou la provocation ? Il suffit pourtant de regarder les images de Lucia Guanaes pour faire tomber les résistances : nous sommes à des années-lumière de tout cela. Chacun de ses face-à-face constitue une rencontre exceptionnelle, rare, avec l'humain.*

*Car il s'agit bien, d'abord, d'une série de face-à-face, avec ce que cela suppose et écarte. Le cadrage élimine l'accessoire, ce qui fait diversion, pour se concentrer sur un regard, la bouche, le visage saisi au plus serré. Effacés la rue, la foule, les bruits. On n'entend plus l'excitation alentour. Le sujet oublie le tourbillon des corps, des camarades, suspend la frénésie du défilé. Maintenant il nous regarde, nous adresse un sourire, esquisse une séduction : sa tête s'incline légèrement, lance une œillade, les lèvres se tendent, simulacre de baiser... Un temps d'exposition supérieur à la durée du flash rattrape, ici ou là, du mouvement, un bougé.*

ali, um movimento, uma mexida. Hiato desconcertante entre o congelado da pose e a distensão, o retorno à festa. Por vezes emerge também uma espécie de espanto.

Há de tudo nessa galeria de retratos: o escárnio contra a mulher, a mordacidade contra o efeminado; ou, ao contrário, um desejo que escorre nos olhos, a maquiagem – então mais apurada. A linguagem do carnaval é ambígua: ela fala pelo lado do avesso, ou se permite a inversão provisoriamente instituída para enfim falar. Certos blocos agrupam os “bons maridos” incapazes de duvidar de sua virilidade: nada poderia abalá-la, nem mesmo um falo postiço ou uma fantasia prolongando a guerra dos sexos. Outros grupos enveredam na brecha carnavalesca para tentar ganhar reconhecimento, conquistar espaços, visibilidade. Justaposição surpreendente e por vezes áspera de homens comuns cuja barba aflora, de rapazinhos realçando um bigode, de machões desajeitados, de bonecas, de homossexuais, de travestis, de prostitutas, de transformistas, “artistas” de todos os gêneros no seio de uma sociedade menos amena do que parece no que diz respeito a seus “desvios”.

Para além das facções, da sociologia, cada um barganha sua imagem de um dia, conduz sua transação entre real e sonho, individual e coletivo, cada um compõe o próprio personagem. A um só tempo si-mesmo e o outro, o ator e sua ficção. Mais ou menos caracterizado, coberto de paetês, escondido atrás de uma mascarilha, de óculos escuros, maquiado, emperucado... Todos os registros do teatro estão ali, nesse ressurgimento do hermafrodita elisabetano, intérprete alternadamente satírico, grotesco, sentimental, patético, trágico. A peça em cartaz? A comédia sexual, *as you like it*.

Aonde leva essa representação? ao exorcismo catártico? ao desrecale e ao extravasamento? ao exercício

*Hiatus troublant entre le figé de la pose et le relâchement, le retour à la fête. Pointe aussi parfois comme de l'effarement.*

*Il y a de tout dans cette galerie de portraits : de la dérision contre la femme, du mordant contre l'efféminé ; ou, au contraire, un désir qui court dans les yeux, le maquillage – alors plus soigné. Le langage du carnaval est ambigu : il parle à l'envers, ou s'autorise de l'inversion provisoirement instituée pour parler enfin. Certains « blocos » fédèrent les « bons maris » incapables de douter de leur virilité : rien ne pourrait l'ébranler, pas même un phallus postiche ou une tenue prolongeant la guerre des sexes. D'autres groupes s'engouffrent dans la brèche carnavalesque pour tenter de gagner de la reconnaissance, conquérir des espaces, de la visibilité. Juxtaposition étonnante et parfois âpre d'hommes ordinaires dont la barbe affleure, de petits mecs surlignant une moustache, de grands mâles embarrassés, de poupées, d'homosexuels, de travestis, de prostitués, de transformistes, « artistes » en tous genres au sein d'une société moins amène qu'il n'y paraît à l'égard de ses « déviances ».*

*Par delà les camps, la sociologie, chacun négocie son image d'un jour, mène sa transaction entre réel et rêve, l'individuel et le collectif, chacun compose son personnage. À la fois soi-même et l'autre, l'acteur et sa fiction. Plus ou moins grimé, pailleté, caché derrière un loup, des lunettes noires, fardé, perruqué... Tous les registres du théâtre sont là, dans cette résurgence de l'hermaphrodite élisabéthain, interprète tour à tour satirique, grotesque, sentimental, pathétique, tragique. La pièce au programme ? La comédie sexuelle, comme vous l'aimerez.*

*Où mène ce jeu de rôle ? l'exorcisme cathartique ? le défoulement et l'exutoire ? l'exercice initiatique ? On*

iniciático? Seria um erro querer dar uma resposta categórica. O pensamento barroco cultivou precisamente a reviravolta, o equívoco, o indefinido<sup>2</sup>. Há uma verdade paradoxal da máscara, que transfigura e traduz: ela metamorfoseia o um no outro, faz surgir o outro de si, em si. Por isso, o parecer que se reivindicava farsa se expõe ao risco de revelar o ser escondido, proibido. O carnaval é seu duplo.

Na realidade esses travestismos não apenas liberam fantasias e o ideal do eu: exploram os possíveis, empurram os limites, tanto os das convenções quanto os da genética. Transgridem o que a natureza determina, a sexuação, embaralham o que os costumes decidem, os gêneros. À força de fetiches, lantejoulas, bijuteria, babados, véus, rímel, pintas, cetim cor-de-rosa ou cabelos platinados, eles tentam abolir as cercas, desnaturam, rechaçam o corpo em direção à cultura e ao artifício. Não sem violência simbólica, agridem os códigos, abalam as identidades, desestabilizam os olhares, fazendo assim emergir as potencialidades de um ser híbrido encoberto, revelando nossa parcela monstruosa: no lugar da figura materna (que acreditávamos ausente), o homem acompanha um nascimento. A *descarga* é proporcional à intolerância das barreiras, à resistência do recalçado.

Nesse aspecto a maquiagem é duas vezes eficaz: ela muda a imagem e, ao mesmo tempo, confisca uma das mais poderosas marcas do feminino. Com excesso ou num realismo aplicado, desconcertante, esses homens requebram-se, imitam trejeitos delicados, mais ou menos mestres em escapadelas e denguices. Contra nossos rituais da sedução, desta vez são eles que ostentam as cores, expõem as bugigangas, asseguram o espetáculo arremedando os supostos atributos físicos e sociais dos ícones de um outro gênero: a polpa grossa dos lábios, o adereço delicado ou cintilante. Alguns detalhes lembram os arquétipos: a mulher é tentadora ou fútil

*aurait tort de vouloir trancher. La pensée baroque a précisément cultivé le retournement, l'équivoque, l'indécidable<sup>2</sup>. Il y a une vérité paradoxale du masque, qui transfigure et traduit : il métamorphose l'un en l'autre, fait advenir l'autre de soi, en soi. Aussi le paraître qui se voulait farce s'expose-t-il à révéler l'être enfoui, interdit. Le carnaval est son double.*

*En réalité ces travestissements ne font pas que libérer fantasmes et idéal du moi : ils explorent les possibles, repoussent les limites, celles des conventions mais aussi de l'inné. Ils transgressent ce que la nature détermine, la sexuation, brouillent ce dont les mœurs décident, les genres. À coups de fétiches, paillettes, bijoux, falbalas, voiles, rimmel, lentilles, satin rose ou chevelure platinée, ils tentent d'abolir les cloisons, dénaturent, déportent le corps vers la culture et l'artifice. Non sans violence symbolique, ils agressent les codes, brusquent les identités, déstabilisent les regards, faisant ainsi émerger les potentialités d'un être hybride enseveli, découvrant notre part de monstrueux : au lieu de la figure maternelle (qu'on croyait absente), l'homme préside à une naissance. La décharge est à la mesure de l'intolérance des barrières, la résistance du refoulé.*

*Le maquillage est sur ce terrain deux fois efficace : il change l'image et, dans le même temps, confisque un des plus puissants marqueurs féminins. Avec outrance ou dans un réalisme appliqué, troublant, ces hommes font leur coquette, singent les mignardises, plus ou moins maîtres en dérobades et dissimulations. Contrairement à nos formes de parade séductrice, ce sont eux, cette fois, qui affichent les couleurs, étalent la pacotille, assurent le spectacle en contrefaisant les supposés attributs physiques et sociaux des icônes d'un autre genre : la pulpe épaisse des lèvres, la parure délicate ou chatoyante. Quelques détails rappellent les archétypes : la femme est tentatrice ou futile ou fatale... Mais à*



ou fatal... Mas, sem que eles saibam, suas falhas (até na perfeição) apenas denunciam o enigmático feminino.

Com efeito, nessa desmesura, que o formato enaltecedor das fotos acentua, alguma coisa finalmente sempre fracassa. É o destino do gasto: ele trinca nos excessos, não pára de pôr tudo para fora. A textura envelhecida da pele, as pregas empastadas, as gotas de suor arrastando o pó grosseiramente aplicado, tantos sinais que traem o embate do *fascinus* e fazem-no vacilar. Ele está ali, sente-se, hipnose um tanto assustadora. Quem o encarna? Na tensão desse encontro face a face – em que um dos dois (aquele que substituímos) se ausentou atrás da objetiva –, onde está a potência, onde está a vítima? Nessa caça de faz-de-conta, quem cativa, quem captura? quem é o mais mascarado? E se os papéis estivessem, aí também, invertidos...

Toda sideração chama o aniquilamento. O efêmero do ritual carrega em si o seu fim, sua própria morte. Então os sorrisos, os brilhos, dão lugar a uma surpreendente gravidade. De que dependem essa concentração, esse deslumbramento? Do desnudar-se? da consciência de uma fragilidade? de sua intransponível solidão? Esses rostos transfigurados de olhos encarquilhados, de dentes expostos, do que eles estão se aproximando? O que eles viram? Compenetrados, extáticos ou desamparados, esses safam-se da experiência como visagens ressuscitadas de uma viagem distante. O grande talento de Lucia Guanaes é ter furtivamente despertado a górgone adormecida.

**Michel Riaudel** [trad. Amilcar Bettega]

*leur insu, leurs défaillances (jusque dans la perfection) ne font que dénoncer l'insaisissable de son énigme.*

*Dans cette démesure en effet, qu'accentue le format magnifié des tirages, quelque chose échoue finalement toujours. C'est le lot de la dépense : elle craquelle dans ses excès, n'en finit pas de vider son sac. Le grain vieillissant de la peau, les replis empâtés, les coulures de sueur entraînant avec elles la poudre grossièrement appliquée, autant de signes qui trahissent le coup de force du fascinus et le font vaciller. Il est là, on le sent, hypnose un tant soit peu effrayante. Qui l'incarne ? Dans la tension de ce face-à-face – dont l'un (que nous substituons) s'est absenté derrière l'objectif –, où est la puissance, où est la victime ? Dans cette chasse à blanc, qui captive, qui capture ? qui est le plus masqué ? Et si les rôles étaient, là aussi, inversés...*

*Toute sidération appelle l'anéantissement. L'éphémère du rituel porte sa fin, sa propre mort. Alors les sourires, les éclats laissent place à une étonnante gravité. À quoi tiennent cette concentration, cet affolement ? La mise à nu ? la conscience d'une fragilité ? de son indépassable solitude ? Ces visages transfigurés aux yeux écarquillés, aux dents découvertes, que côtoient-ils ? Qu'ont-ils vu ? Habités, extatiques ou en état de déréliction, ceux-là réchappent de l'expérience comme des fantômes revenus d'un lointain voyage. Ce n'est pas le moindre des talents de Lucia Guanaes que d'avoir furtivement réveillé la gorgone endormie.*

---

1 Crônica de 16 de março de 1968 : "Restos de carnaval", in : *A descoberta do mundo (1967-1973)*, Nova Fronteira, p. 107.

2 Lucia Guanaes chamou de "Fronteiras" uma outra série fotográfica sobre o litoral... / *Lucia Guanaes a intitulé une autre série photographique sur le littoral : « Frontières »...*